

Patrimônio: paleontologia e arqueologia em Alagoas



Luiz Sávio de Almeida
Sociólogo, doutor em História
e mestre em Educação

O IPHAN em Alagoas lançou um livro de divulgação sobre o nosso patrimônio arqueológico e paleontológico. Trata-se de volume organizado por Luana Teixeira com a participação de Henrique Alexandre Pozzi e Jorge Luiz Lopes da Silva. A iniciativa é algo oportuno, pois divulga e ao, mesmo tempo, pede a colaboração para que se pesquise e conserve o que temos. Confesso que pouco sabia sobre o assunto e não deveria ser assim: eu deveria ter bem mais informações por dever de ofício.

O trabalho cataloga as exposições existentes em Alagoas. Na Maceió, tem-se o Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (Rua do Sol), Museu de História Natural da UFAL (Rua Aristeu de Andrade, 452). No interior, União dos Palmares abriga o Centro Arqueológico Palmarino; Palmeira dos Índios tem o Museu Xucurus de História, Artes e Costumes; em Maravilha, o Museu Paleontológico Otaviano Florentino Rittir; em Santana do Ipanema, o Museu Histórico e de Artes Darras Noya e, finalmente, em Sergipe, o Museu de Arqueologia do Xingó. Sergipe desenvolveu uma programação em arqueologia bem mais densa do que a nossa.

Felizmente, Alagoas começa a tomar posições objetivas neste rumo de atentar para este tipo de patrimônio. E isto se fez, sem qualquer dúvida, dentro da Universidade, mormente com as investigações relativas à Serra da Barriga, inaugurando o que seria uma visão da arqueologia colonial. Quando Alagoas se organiza para pensar a sua história e gera o Instituto Histórico traz o arqueológico em evidência, mas ele não se mantém, matéria sobre a qual andei discutindo as razões, em um encontro, caso não me engane, sobre a arqueologia nordestina. Não sei como se encontra organizada a área na Universi-

Surge nova consciência e ela deve passar para a população

dade, visivelmente minimizada pela saída do professor Scott Josep Allen que montou campo de estudos no antigo Departamento de História do CHLA da UFAL.

O texto organizado por Luana Teixeira (foi colaboradora de Espaço em O Jornal) é mais do que oportuno e pode indicar sobre o renascimento da arqueologia entre nós, ajudando, inclusive, a fundar os trabalhos de paleontologia. É interessante verificar a distribuição territorial e sentir o vazio de sítios e ocorrências arqueológicas na área do agreste e em parte da mata, correspondendo aos pontos de Atalaia, Capela, Cajueiro e, também, o que acontece nos ramos do rio Mundaú, salvo a área da Serra da Barriga. Qual a razão? Não sei. E por outro lado, chama a minha atenção de leigo, os registros e bens de regulars rios que aparecem para o baixo curso do São Francisco. A paleontologia está concentrada nas mesorregiões agreste e sertão, fronteira com Pernambuco e também no São Francisco.

O importante é que surge nova consciência e ela deve passar para a população. No caso particular de nosso patrimônio, chega a acreditar que o papel da população é bem mais importante do que o do Estado. Apenas uma política protecionista, é algo que pouco nos interessa, precisamos de um patrimônio integrado à ideia de comunidade.

Paz e felicidade!